

PASSADO E PRESENTE: OS SENTIDOS DOS DESFILES
ESCOLARES EM COMEMORAÇÃO À INDEPENDÊNCIA DO
BRASIL NAS ESCOLAS ESPECIALIZADAS PARA ESTUDANTES
COM SURDEZ EM BELÉM DO PARÁ

Past and Present: The meaning of civic school parades at the celebrations of Brazil's Independence Day in specialized school for deaf impaired students of Belém do Pará



Ernesto Padovani Netto¹



Edgar Cabral Viegas Borges da Cruz²



¹ Secretaria de Educação do Estado do Pará, modalidade Educação Especial, Ensino de Pessoas Surdas - Belém, PA, Brasil; ntpadovani@gmail.com

² Secretaria de Educação do Estado do Pará, modalidade Educação Especial, Ensino de Pessoas Surdas - Belém, PA, Brasil; edgarcvbc@gmail.com

RESUMO

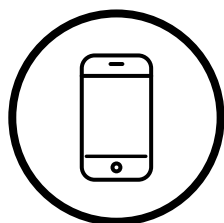
O presente trabalho busca fazer uma reflexão sobre os usos dos desfiles escolares no processo educacional local da cidade de Belém-PA, considerando a realidade da escola Astério de Campos, dado o recorte histórico da década de 1970. Na pesquisa realizada foi identificada a falta de conexão entre as práticas cívicas e seu significado para os alunos surdos que compunham a comunidade escolar da referida unidade de ensino, explicitando a visão ufanista dos eventos em questão em dissonância à construção do real significado para os alunos surdos.

Palavras-chave: Memória; Desfiles Escolares; História da Educação; Surdez; LIBRAS

ABSTRACT

The current work seeks a reflection about the meaning of the Civic School Parades in Brazilian culture in 1970's, under the practices developed in Astério de Campos school. This research identifies the lack of meaning between civic parades and the understanding for deaf impaired students of the school Astério de Campos, the extreme patriotism leads the practices instead of the construction of the real meaning for deaf impaired community.

Keywords: Memory; Civic School Parades; History of Education; Deafness; LIBRAS



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**

<https://www.youtube.com/watch?v=GPm5YLwHRxc>



Considerações iniciais

As construções simbólicas em torno de ideias ufanistas, que giram em torno de um nacionalismo que busca forjar a imagem de um povo heroico, com seu brado retumbante, desde o evento fundador da nação, às margens do Ipiranga, embora, o fato histórico real não tenha contado com a participação popular quando do chamado grito do Ipiranga, foram comumente estimuladas no Brasil ao longo do século XX, fundamentalmente nos períodos em que o país foi governado por ditaduras, como no Estado Novo Vargasista (1937-1945) e na ditadura civil-militar (1964-1985).

Os projetos de constituição de amor e orgulho da pátria passam de forma marcante pelos espaços escolares, sobretudo pelo caráter pedagógico da ação de inculcar nos jovens os sentimentos de valorização do país, de sua história, e não de qualquer história, mas daquela que o engrandece em lutas e conquistas que busca edificar a visão de um Brasil honrado, valoroso, em que os militares costumam ocupar papel destacado enquanto atores protagonistas dos processos que construíram a nação.

Esta ideologia teve penetração nas escolas brasileiras e se materializa em larga medida através dos chamados desfiles escolares realizados na semana da pátria, próximo ao dia 07 de setembro, Dia da Independência nacional. Embora este evento tenha sido criado em comemoração ao dia da raça, durante o governo de Getúlio Vargas, ocorrendo no dia 05 de agosto, as escolas incorporaram os desfiles do dia da raça às comemorações da independência. Tais desfiles vêm sendo investigados pela historiografia, sobretudo no campo da História da Educação³. Neste capítulo, propomos refletir sobre essa dinâmica social a partir da perspectiva especializadas, o que atualmente se chama de

³ Ver: PARADA, M. Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, 7. 1998, Vassouras. Anais.

VAZ, A. C. Práticas Escolares nas festividades da 'Semana da Pátria' e 'Dia do Trabalho' em Minas Gerais (1937- 1945) In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. Anais.

BENCOSTTA, M. L. A. Desfiles Patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. Anais.

educação especial, destacando aqui as unidades especializadas em surdez. Tendo o espaço geográfico de Belém do Pará como recorte, busco historiar duas escolas especializadas em estudantes com surdez, fundadas na segunda metade do século XX, sendo que a mais tradicional instituição que recebeu a responsabilidade de educar pessoas surdas é a escola Astério de Campos, a qual foi fundada em 21 de outubro de 1960 (PPP, 2018, p. 18). A outra escola que atua com alunos e alunas com surdez é o Instituto Felipe Smaldone, o qual foi fundado a partir da ação da Congregação das Irmãs Salesianas dos sagrados corações, criada pelo Padre Felipe Smaldone em 1885 na Itália, que se dedicou à educação dos surdos com a missão de alfabetizá-los. A Congregação veio para o Brasil no ano de 1972, e se estabeleceu na capital paraense (PPP, 2018, p.02).

A pesquisa aqui apresentada se divide em dois momentos: primeiramente realizo uma análise dos desfiles escolares ocorridos na década de 1970 e para tanto lanço mão de fotografias da época e de entrevistas com pessoas surdas, atualmente adultos e idosos, mas que eram estudantes à época, e que, portanto, vivenciaram o contexto já descrito. Em um segundo momento, irei verificar o repertório de saberes de um grupo de estudantes com surdez da escola Astério de Campos na contemporaneidade, para tanto farei uso das fotografias e das memórias dos entrevistados surdos com idades mais avançadas. Desta atividade busco demonstrar as percepções deste alunado da segunda década do século XXI, acerca dos desfiles escolares que fazem referência à independência, dando ênfase aos diferentes contextos linguísticos que dialogam com cada época, o oralismo na década de 1970 e o bilinguismo (Libras/Português na modalidade escrita) atualmente.

1 Os desfiles escolares na década de 1970

Para melhor situar os (as) leitores (as) ao ideário da época, penso ser necessário explicar que o oralismo é o método que prevaleceu nas instituições especializadas em educação de surdos durante praticamente todo o século XX, foi amplamente difundido, porém atualmente está praticamente em desuso devido ao conjunto de críticas que sofreu, a partir de meados da década de 1970, ainda de maneira tímida, mas aos poucos ganhando corpo, no decorrer do tempo, sendo rejeitado por grande parte da própria comunidade surda. O oralismo pretendeu/pretende, através de treinamentos, levar os surdos a desenvolver sensibilidades sonoras para identificar sons, além de fazer com que desenvolvessem a fala, pautando a língua oral como principal elemento da comunicação e, supostamente, proporcionando interação entre surdos e ouvintes. Nesse sentido, o professor de surdos era muito mais um terapeuta da fala, ou seja, seu trabalho era muito mais voltado para uma atuação clínica (Soares, 1999, p. 02).

A oralização é um processo extremamente complexo, muitos surdos não conseguem desenvolver a fala mesmo com os treinamentos propostos, havendo inúmeras gradações de possíveis apropriações da fala pelos surdos. É raro perceber uma pessoa surda que ao oralizar emita os sons tal qual uma pessoa ouvinte, havendo normalmente certas distorções dos fonemas. Mesmo pessoas que nascem ouvintes e perdem a audição na infância ou adolescência, tendem a sofrer perda da memória auditiva e conseqüentemente alterações na fala.

Naquele momento, a educação de surdos foi definida no sentido da capacitação dos indivíduos surdos para obtenção de um código linguístico, o qual pudesse integrá-lo à sociedade ouvinte, desta forma, era necessário fazer com que as pessoas surdas treinassem não apenas a fala, mas conseguissem identificar os sons. Essa noção de treinar as pessoas surdas para a integração ocorria também em diversas atividades escolares, como nas apresentações ocorridas nas festividades juninas, e nas participações dos (as) estudantes nos desfiles escolares em comemoração à semana da pátria.

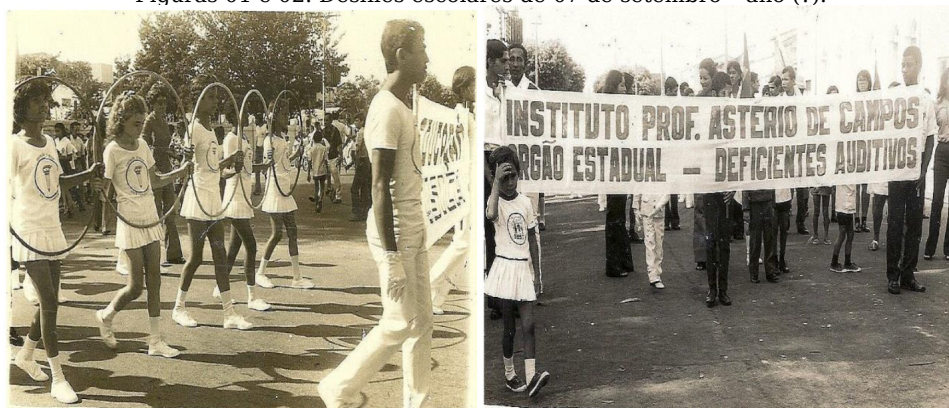
Essas experiências foram vividas por pessoas que deram depoimentos para a construção deste trabalho (alguns em Libras, outros de forma oral, outras intercalando as duas modalidades). As pessoas surdas entrevistadas, que vivenciaram o período oralista e de alguma forma se relacionaram

com os desfiles foram: Rosemary Paes de Souza,⁴ (doravante Rosemary Paes) de 59 anos, surda profunda de nascença, não oralizada, natural de Belém, estudou na escola Astério de Campos durante a infância, quando desta entrevista atuava como agente de portaria da mesma escola Astério de Campos. Laide Nazaré da Silva, (doravante Laide Nazaré) de 61 anos, surda profunda de nascença, não oralizada, nascida em Belém, trabalhou como empregada doméstica, lavadeira de roupas e fazia crochê para vender, que aprendeu a fazer nas oficinas profissionalizantes da escola Astério de Campos, onde conheceu Rosemary na infância as duas continuam amigas. Joseni Maia da Silva, (doravante Joseni Maia) de 64 anos, ficou surdo aos 10 anos devido haver contraído meningite, tem surdez profunda, possui memória auditiva, sendo oralizado, natural de Rondônia, tendo se mudado para a capital do Pará aos 09 anos de idade, estudou na escola Astério de Campos a partir de 1968, se aposentou como técnico pedagógico da escola. Ana Cristina Chaves Neves da Silva, (doravante Ana Cristina) 46 anos, surda profunda de nascença, oralizada, nascida em Belém, estudou na escola Felipe Smaldone durante a infância, foi professora de artes e de Libras na escola Astério de Campos entre 1992 e 2019. José Sinésio Torres Gonçalves Filho, (doravante José Sinésio) 50 anos, Surdo de nascença, inicialmente sua surdez era moderada, mas evoluiu para profunda, oralizado, porém opta pela língua oral apenas entre amigos e familiares, nascido em Belém, estudou na escola Felipe Smaldone a partir dos 02 anos de idade, atualmente é professor da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

Entrevistei ainda uma professora aposentada, Emília Rodrigues Gonzalez (doravante Emília Gonzalez), de 76 anos, que atuou na escola Astério de Campos a partir de 1968 até sua aposentadoria.

Os desfiles escolares eram um evento sempre presente quando se tratava das atividades do calendário anual das escolas. A atividade cívica em comemoração à independência do Brasil era realizada costumeiramente na semana de 07 de setembro, e muito incentivada fundamentalmente durante a ditadura civil-militar (1964-1985). Assim, as escolas especializadas não ficaram de fora do projeto educacional pensado nos governos militares, que visava desenvolver o civismo e o patriotismo no alunado brasileiro. Nesse contexto, procurei investigar se os (as) alunos (as) possuíam alguma compreensão acerca do que estavam efetivamente fazendo, se havia sentido para eles (as) aqueles desfiles.

Figuras 01 e 02: Desfiles escolares de 07 de setembro – ano (?).⁵



Acervo da Escola Astério de Campos.

⁴ Os nomes citados neste primeiro momento são verdadeiros, todos (as) participantes assinaram termo de permissão para uso de seus nomes.

⁵ Existem 09 fotografias de desfiles escolares no acervo da escola, sendo que apenas duas estão datadas, uma em 03 de setembro de 1972 e outra de 03 de setembro de 1979. As fotografias correspondentes às imagens 1 e 2 não possuem uma datação especificada.

É interessante notar que há diferentes percepções sobre a compreensão ou não dos (as) alunos (as) sobre as atividades em torno do 07 de setembro. Dependendo da posição ocupada por cada sujeito, a narrativa ganha perspectivas diferentes. Por exemplo, para Emília Gonzalez, os (as) alunos (as) sabiam o significado de tudo que ocorria. Sobre este tema, estabelecemos o seguinte diálogo:

Pergunta dos pesquisadores: “E quanto aos desfiles escolares? Há muitas fotos, a escola incentivava a participação dos surdos?”

Resposta da entrevistada: “Sim, isso também fazia parte da integração”

Réplica dos pesquisadores: “E os alunos entendiam o significado daquilo?”

Resposta da entrevistada: “Nós explicávamos que era a independência, que o Brasil tinha sido uma colônia, explicávamos sobre D. Pedro, e eles entendiam”.

Sobre os desfiles escolares, Laide Nazaré afirmou: “Eu não participei desse desfile”. Ao ver a fotos das meninas com os arcos (imagem 1), passou a reconhecer suas amigas de infância: “Essa aqui é a Elza” (aponta na foto), “essa outra é a Rita” (faz sinal de conhecer e tenta falar).

Já Rosemary Paes se contrapõe à percepção da professora Emília ao relatar como percebia aquela atividade cívica, assim, declarando: “Eu participava, mas não apareço nessas fotos dos desfiles, eu estava lá para trás. Eu era pequena, íamos marchar. Eu entendia muito pouco, ficava meio perdida, os professores mandavam a gente ir marchar, ‘vão...vão’”. Por sua vez Joseni Maia buscou diferenciar os surdos entre mais e menos inteligentes⁶, dizendo:

Lembro. A escola fazia questão de introduzir os alunos nos eventos cívicos. Os alunos com cognição suficiente entendiam isso, os outros com cognitivo baixo, não entendiam, mas desfilavam assim mesmo, aí iam se integrando com os demais. Eu nunca desfilei.

Ao confrontar os discursos, é possível verificar que por parte da professora há uma clara valorização do trabalho; realizado, havendo uma defesa de que os (as) estudantes compreendiam o que era explicado sobre os desfiles militares e o contexto histórico em questão, porém o testemunho de Rosemary Paes vai de encontro à afirmativa de Emília Gonzalez, de que os estudantes entendiam aquele ritual cívico, haja vista que a própria Rosemary Paes afiança que entendia muito pouco, que se sentia perdida, que os professores mandavam ir marchar, e ela, assim como provavelmente vários outros (as) estudantes, obedeciam.

Vale ressaltar que, nesse ponto, é possível observar um claro confronto de narrativas, que desencadeia um embate de memórias, embora não caiba aqui o mais tradicional confronto entre memória oficial e as memórias de grupos minoritários, pois não existe uma memória social sobre tais questões, a sociedade desconhece os processos vivenciados dentro das questões que tangenciaram as trajetórias de pessoas surdas. Muito menos há uma memória nacional impetrada pelo Estado quanto a isso, porém, dentro das narrativas no interior da história da educação dos surdos, as memórias se encontram, em vários aspectos, em disputa, e concorrem a partir fundamentalmente da distinção do lugar de onde cada sujeito fala.

⁶ Joseni Maia é um surdo que valoriza a oralização, assim, durante o seu depoimento, sua narrativa tendeu a hierarquizar os (as) surdos (as), sendo que para ele, quanto mais oralizados maior é o grau de inteligência.

O historiador Michael Pollak conseguiu captar com grande precisão o que está sendo debatido aqui, ao afirmar que, embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. É mais frequente encontrar esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (Pollak, 1989, p. 05), uma vez que é possível observar, acerca da história dos surdos, que existe justamente um silêncio sobre este passado, o que demonstra relações de poder que determinam quais histórias devem ou não ser contadas e ter visibilidade social. Neste aspecto a chamada sociedade englobante é composta pela maioria, que pode não necessariamente contrapor as memórias subterrâneas das minorias no sentido de um contra discurso, mas por vezes pode impetrar silêncios que geram a invisibilidade de grupos sociais minoritários.

Diante da pluralidade de surdos, com inúmeras diferenças de formação familiar, de condições socioeconômicas e de faixa etária, é normal que alguns se apropriassem mais do que outros em relação a qualquer tema, e em particular em relação à independência do Brasil e seus rituais simbólicos, porém, a percepção de Joseni Maia não parece estar resguardada nessa diversidade, e sim, novamente, na hierarquização entre o que ele chama de “alunos com cognição suficiente” e os que classifica como “outros com cognitivo baixo”. É importante problematizar aqui, que naquele contexto oralista, muitas vezes essa hierarquização entre as inteligências dos surdos, era medida pela capacidade de falar com mais ou menos clareza, isso também pode ser aferido em várias outras falas do colaborador, assim, mesmo que o entrevistado não tenha afirmado que os elementos “falar”, “ler” e “escrever” em Língua Portuguesa foram determinantes para sua percepção de quem era ou não capaz de compreender os desfiles, creio que seja possível afirmar aqui que novamente estes pontos serviram como referenciais, ainda que de forma subjetiva, para classificar os (as) estudantes com surdez.

Na escola Felipe Smaldone, a semana da pátria também era reverenciada com a participação dos alunos nas atividades cívicas que homenageavam a independência do Brasil. Ana Cristina relembra: “era muito importante, ensinavam a postura certa para marchar, homenagem à pátria...no Sete de Setembro nós desfilávamos na rua, mas a banda era de outra escola e as freiras nos acompanhavam”. Sobre este tema, José Sinésio restringiu-se a dar uma curta resposta, dizendo apenas: “havia os desfiles militares, a banda tocava, os professores nos acompanhavam e nós marchávamos”. Ana Cristina recordou ainda de outro elemento importante no contexto de exaltação à pátria, quando teve que aprender os hinos, como o nacional, o da independência, da república, da bandeira e outros. Evidentemente que para uma pessoa surda aprender uma música, compreender sua letra e sentir o seu andamento rítmico é necessário um investimento maior de tempo e de estratégias, assim, a entrevistada lembra que pelo menos no seu caso, este objetivo não ficou restrito apenas à escola, mas foi estendido para o seu lar:

Na minha casa, eu lembro que a minha tia comprou um aparelho de som, eu ouvia os discos e tentava ler as letras das músicas, isso com o fone de ouvido. Eu lembro daquela “Brava gente brasileira, longe vá...”, uma professora deu para minha mãe um disco com o hino nacional e vinha com o encarte da letra, eu colocava o fone de ouvido e ficava treinando.

Neste sentido, a formação cívica acabava por exercer uma dupla função, a primeira de despertar nos estudantes os valores de amor à pátria, e a segunda de potencializar os treinamentos em torno da percepção auditiva, da fala e da compreensão da Língua Portuguesa escrita, uma vez que Ana Cristina precisa “ouvir” o hino, cantá-lo e acompanhar a letra no encarte que acompanhava o disco.

Figura 03: Alunos do Instituto Felipe Smaldone marchando no desfile da Semana da Pátria – ano (?)



(SMALDONE, p. 54).⁷

A legenda da figura 03 destaca a intenção de ensinar o amor à pátria através da participação dos “guris”⁸ do Instituto no desfile da semana da pátria, apesar de que as pessoas retratadas na imagem não parecem tão crianças, inclusive, diferentemente dos estudantes da escola Astério de Campos na figura 01, os (as) alunos (as) do Felipe Smaldone marcham de forma bem alinhada, todos estão com o pé direito à frente no momento em que foram fotografados. O fato de possivelmente não serem tão crianças pode ser um elemento que ajude a explicar essa questão, uma vez que embora existissem os instrumentos musicais, como tambores para marcar o passo da marcha, naturalmente, os estudantes não ouviam, ou ouviam muito pouco, dependendo do grau de surdez de cada pessoa. Assim, a marcha era treinada/ ensaiada, mas a maior referência para os (as) alunos (as) era visual.

2 Estudantes da escola Astério de Campos hoje: a Independência e a relação com os desfiles escolares

No contexto da terceira década do século XXI os desfiles escolares já não possuem mais o mesmo protagonismo que tinham nas décadas de 1960, 1970 e 1980. A própria escola Astério de Campos não tem participado das marchas em comemoração ao dia da Raça e da Independência, tendo levado estudantes para este evento pela última vez no ano de 2016. Não

⁷ Não há precisão da data de produção desta fotografia na obra citada. Tomando por base a entrada de funcionamento do Instituto em 1973 e o fim da cronologia detalhada no livro citado enquanto fonte histórica, que cessa em 1978, é possível afirmar que a imagem retrata um evento ocorrido entre esses anos.

⁸ Na legenda da foto é utilizada a expressão “guris” para se referir aos estudantes.

há mais transmissão dos desfiles escolares, nem mesmo militares pelos canais de televisão, algo que ocorria em décadas passadas. Neste sentido, o tema da independência, com foco nos desfiles escolares, foi trabalhado com estudantes do Atendimento Educacional Especializado, com intuito de construir uma diagnose com o objetivo de compreender quais repertórios de saberes acerca da Independência do Brasil os jovens estudantes surdos da escola Astério de Campos possuem na atualidade. Cabe ressaltar que a Independência no Pará se deu em 1823, e configura um outro processo diferente do ocorrido no Centro-Sul do país. A partir daí, busquei debater os sentidos que os desfiles escolares possuem para estes alunos e estas alunas na atualidade, apresentando as fotografias do passado e relacionando com as experiências prévias dos discentes.

O grupo que participou da atividade/sondagem era composto de 08 estudantes, 05 homens e 03 mulheres, sendo 06 do terceiro ano do Ensino Médio, e 02 do segundo ano do Ensino Médio. O quadro abaixo elucida melhor as características dos discentes:

Quadro 01

Nome ⁹	Idade	Grau de surdez	Escola Pública ou Privada	Oralizado (a)/ Sinalizador (a) /ambas as modalidades
Marcelo	18	Moderada	Pública	Sinalizador
Rafael	17	Leve	Privada	Ambas as modalidades
Diego	18	Leve	Pública	Ambas as modalidades
Fábio	21	Moderada	Pública	Ambas as modalidades
Renato	19	Profunda	Pública	Sinalizador
Sandra	20	Profunda	Pública	Sinalizadora
Karla	20	Moderada	Pública	Ambas as modalidades
Andréia	19	Profunda	Privada	Sinalizadora

Os 08 discentes apresentam alguma defasagem idade/série, algo muito comum entre surdos, que geralmente enfrentam dificuldades de permanência na escola em algum momento de suas vidas, devido às dificuldades de acesso aos conteúdos e às incompreensões que costumam sofrer nos espaços escolares. A pesquisadora Ronice Quadros aponta ser comum nas escolas brasileiras, surdos com muitos anos de vida escolar, ainda se encontrarem em séries iniciais e sem escrita compatível com a série. A partir de uma pesquisa realizada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em parceria com o Centro Nacional de Educação Especial (Cenesp), divulgada em 1995 pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis), chegou-se à conclusão de que 74% dos alunos surdos não conseguiam terminar o antigo 1º grau, e que mesmo dentro dos 5% do total da população surda que acessavam uma universidade, a maioria não dominava o português escrito (Quadros, 1997, p. 22-23).

⁹ Os nomes atribuídos aos estudantes são fictícios.

O modelo educacional que atualmente é implementado na educação de surdos é o bilíngue, sendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) a primeira língua, e a Língua Portuguesa a segunda língua (L2). Assim, a primeira questão levantada aos estudantes foi se conheciam o sinal referente à Independência. Dois demonstraram conhecer: Diego e Karla utilizaram o sinal mais comum utilizado no Pará, que é a representação da imagem de D. Pedro I no quadro de Pedro Américo, ou seja, a pessoa simula retirar uma espada da cintura e erguê-la ao alto.¹⁰

Figura 04: Quadro: “Independência ou morte” de Pedro Américo



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/749990144165637286>.¹¹

Os dois estudantes que demonstraram ter em seus repertórios o conhecimento do sinal de Independência guardam algumas características comuns, ambos estudam na rede pública, escolas que possuem maior tradição com relação às atividades cívicas das comemorações de 07 de setembro, e sobretudo, são usuários da Libras e da língua oral, sendo também que nenhum possui surdez profunda/severa. O uso da língua oral, associado a uma surdez leve, aproxima a pessoa com surdez do universo das pessoas que possuem audição, o que, por vezes, amplia a possibilidade de acesso às informações que circulam na sociedade majoritariamente ouvinte.¹²

O sinal apresentado, mencionado anteriormente, traz como referência uma cena cristalizada da Independência, sendo ainda um olhar das elites sobre este processo histórico, em que o protagonismo é de D. Pedro I. Evidentemente que a relação visual que os surdos possuem com o mundo pode explicar a referência à cena pintada por Pedro Américo, haja vista o quadro ser bastante divulgado em livros didáticos e mesmo em espaços da mídia, como a televisão e a própria internet.

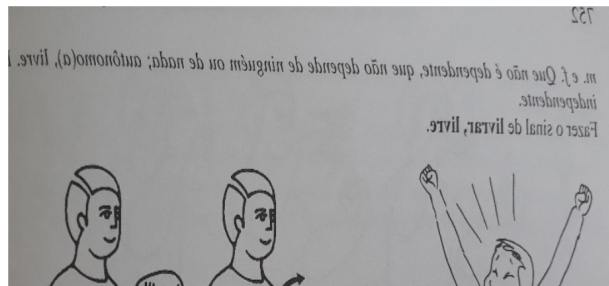
Na edição de 2001 do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, aparece outro sinal, este desconhecido para o alunado presente em sala:

¹⁰ Na Libras existem regionalismos com relação ao uso de alguns sinais. Assim como nas línguas orais, há expressões diferentes com o mesmo significado em distintas regiões do Brasil.

¹¹ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/749990144165637286>. Acesso em 09 de janeiro de 2023.

¹² A Libras possui estrutura para garantir que seus usuários possam obter qualquer tipo de informação, a língua em si não é um limitador para o conhecimento das pessoas surdas, a questão que dificulta a apreensão de dados saberes por parte dos surdos é a falta de acessibilidade das informações, as quais muitas vezes não estão disponíveis em Libras.

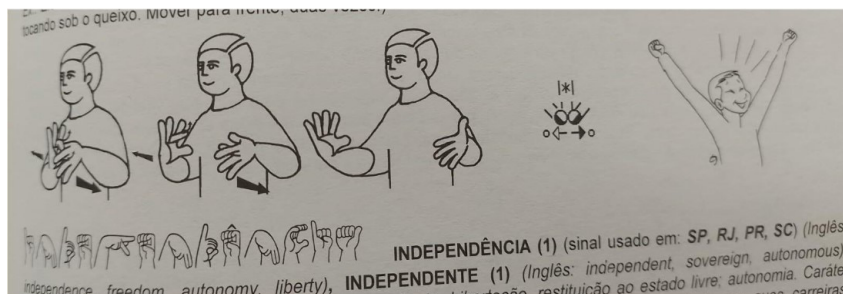
Figura 05: Sinal de Independência



(CAPOVILLA; RAFHAEL 2001, p. 752)

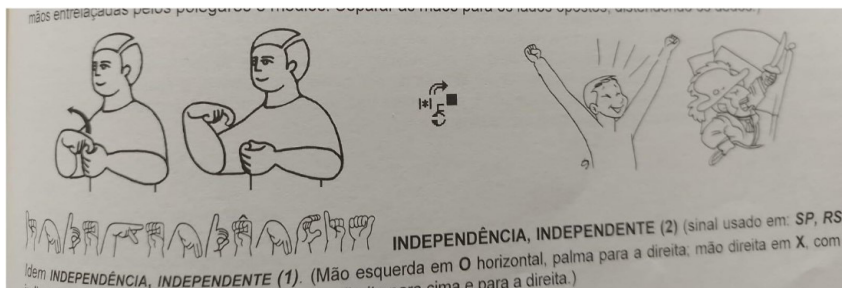
A edição mais recente, de 2021, traz uma pluralidade de sinais, levando em conta alguns regionalismos existentes no uso de sinais em diversos estados brasileiros. Esta edição busca elementos mais próximos das representações tradicionais da história da Independência, e mais conhecidas dos(as) estudantes, além de trazer a datilologia, a escrita do sinal e mais desenhos alusivos aos significados.¹³

Figura 06: Sinal de Independência



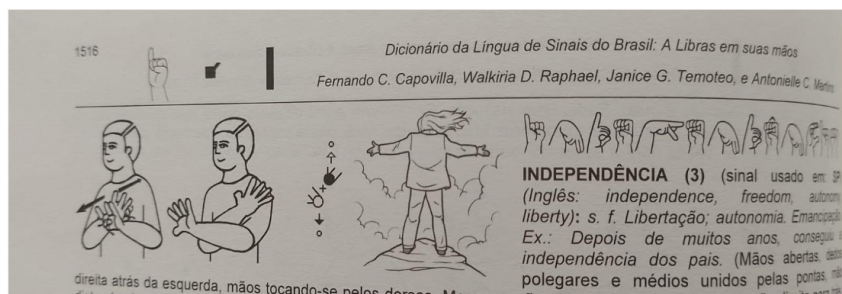
(CAPOVILLA; RAFHAEL; TEMOTEO; MARTIZ; 2021, p. 1515^a).

Figura 07: Sinal de Independência



(CAPOVILLA; RAFHAEL; TEMOTEO; MARTIZ; 2021, p. 1515^a).

Figura 08: Sinal de Independência



(CAPOVILLA; RAFHAEL; TEMOTEO; MARTIZ; 2021, p. 1515^a).

¹³ Datilologia é a configuração de mão de cada letra em Libras, formando assim a palavra. A escrita de sinais é uma representação gráfica que orienta a configuração das mãos, o movimento e o sentido, que formam o sinal.

Figura 09: Sinal de Independência



(CAPOVILLA; RAFHAEL; TEMOTEO; MARTIZ; 2021, p. 1515^a).

Se o sinal sabido pelos discentes parece cristalizar uma visão da História, na qual figuras ilustres do universo político possuem protagonismo, o sinal reproduzido nas figuras 05 e 07 nos dicionários, aparentemente são arbitrários, embora seja relevante destacar o desenho incluído na edição de 2021, em que aparece a imagem de um homem erguendo uma espada, uma clara alusão a figura histórica de D. Pedro I, desenho que não existia na edição de 2001.

A figura 06 traz o sinal de “liberdade”, no caso, sendo utilizado como “Independência”, enquanto a figura 08 também apresenta um sinal arbitrário. Já a figura 09 aparenta trazer uma explicação de que se trata da “Independência do Brasil”, sendo que houve neste caso a inserção do desenho da espada, possivelmente para demonstrar a ideia de bravura no episódio da emancipação do Brasil.

Após esta pesquisa sobre os sinais de Independência, perguntei se os discentes sabiam como havia se dado o processo de Independência do Brasil no Pará. Nenhum dos 08 estudantes tinham qualquer referência sobre o fato de que no Estado do Pará ocorreu um processo diferente do processo tido como nacional, desencadeado a partir do chamado “Grito do Ipiranga”. A realidade do esquecimento do Dia 15 de Agosto, data da tradicionalmente conhecida “Adesão do Pará à Independência”, é um fato conhecido sobre a sociedade paraense, tanto que todos os anos, repetidamente, a imprensa local sai às ruas para entrevistar pessoas, perguntando se conhecem o motivo do feriado na referida data, e normalmente se constata que a população o desconhece.

Tal situação não é diferente nos espaços escolares, mesmo entre estudantes ouvintes, foi o que constatou Brito (2021) em sua pesquisa em turmas de Ensino Médio de uma escola pública do município de Ananindeua-Pará, ao questionar sobre a data de 15 de Agosto, obtendo respostas tais como: “Acredito que seja o Feriado do Dia do Índio; Não faço ideia; não lembro no momento; Não tenho certeza, mas eu acho [...] [que] é comemorado o Dia dos Pais; Nenhum, nem sabia que tinha feriado nesse dia” (BRITO, 2021, p. 93)

Em geral, estudantes com surdez possuem uma boa memória visual, pois a impossibilidade de obter informações pelo canal auditivo faz com que a visualidade ganhe muita relevância no aprendizado desses sujeitos. Um grande desafio para os professores é criar conexões entre os temas trabalhados em sala e as experiências visuais dos estudantes, assim, apresentar imagens é um método bastante eficaz, pois é comum os surdos sinalizarem que conhecem o fato, sujeito ou outro elemento representado na imagem, pois já viram em livros, televisão, cinema e/ou vivenciaram algo que remete à iconografia.

A obra e o conjunto de ideais propostos pelo teórico bielorrusso Lev Semyonovich Vygotsky nos dão suporte para melhor observar tal fenômeno. Para esse teórico, o papel do professor se estabelece, sobretudo, como o de mediador entre os diferentes conhecimentos com os quais os alunos entram em contato, desde os conhecimentos prévios que trazem consigo, adquiridos a partir de suas experiências cotidianas, passando pelos saberes deba-

tidos no ambiente escolar, até a construção de um conhecimento formal, formulado pelos estudantes, porém mediados pela figura do professor.¹⁴

Em sua obra “A formação da mente”, Vygotsky destaca que a aprendizagem se dá através da mediação entre o organismo e o meio em que está inserido, aspecto extremamente importante no contexto que leva à formação dos processos mentais superiores, ou seja, o ato de planejar ações, compreender quais as consequências das decisões tomadas, a concepção de imagens mentais de objetos, entre outros. Para tanto, o autor se utiliza de dois elementos de mediação aos quais apresenta como *instrumento e signo*, elementos esses que se mostram altamente significativos no que diz respeito ao papel desempenhado pelos educadores que assumem a função de mediadores entre os alunos e o meio social em que se encontram.¹⁵

Com base nas análises de Vygotsky, a autora Circe Maria Fernandes Bittencourt (Bittencourt, 2018) afirma que a construção de conceitos tem como maior responsável algo que é identificado como processo de aquisição social dos conhecimentos. Esse processo não deve considerar apenas a maturidade biológica no que diz respeito à compreensão dos referidos conceitos e abstrações que derivem deles. Entre outros aspectos, esses conhecimentos seriam frutos de “dimensões historicamente criadas e culturalmente elaboradas no processo de desenvolvimento das funções humanas superiores, notadamente a capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros do seu grupo social todas as suas experiências e emoções”.¹⁶

Para tanto, cabe à escola papel fundamental no contexto da elaboração conceitual, ao passo que para o desenvolvimento da referida capacidade é necessário que sejam adquiridas através da aprendizagem organizada e sistematizada, funções intelectuais como atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Essas funções são essenciais para a habilidade de construir conceitos mais elaborados como é o caso dos conceitos científicos, por exemplo, que interagem com os conceitos espontâneos, ou seja, aqueles que são originários do senso comum.¹⁷

Considerando as discussões anteriormente realizadas, apresento as fotografias correspondentes às figuras 1, 2 e 3, e perguntei se sabiam do que se tratava aquelas fotos. Todos os 8 discentes fizeram menção ao ato de marchar, sendo que 4 deles, todos de escolas públicas, informaram que já marcharam em desfiles escolares, não pela Unidade Especializada Astério de Campos, mas sim pelas escolas que possuíam primeira matrícula, na rede regular de ensino, na inclusão.¹⁸

Rafael observou o nome “Astério de Campos” na faixa carregada por estudantes na figura 2, e perguntou se eram surdos da escola, respondi positivamente, ele sinalizou afirmando que aquela foto era antiga, que eram surdos que estudaram há muito tempo no Astério de Campos. Marcelo complementou sinalizando que agora não há mais desfiles na escola. Essa avaliação é também um exercício da relação passado/presente – passado representado nos desfiles presentes nas fotos com a participação dos estudantes da escola e presente representado pela experiência pessoal do aluno, que nunca viu a escola participar de desfiles de 07 de setembro.

¹⁴ CRUZ, Edgar C. V. B. da. Temporalidades, Anacronismo e o Ensino de História. Dissertação de mestrado. PROFHISTÓRIA – UFPA. Ananindeua-PA, p. 53-54. 2019.

¹⁵ VYGOTSKY, L. S. A função social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª Edição brasileira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA., 1991. Pp. 53-61.

¹⁶ BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2018. P.160.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Os alunos da Educação Especial possuem duas matrículas na SEDUC, a primeira na escola regular e a segunda para o SAEE (Serviço de Atendimento Educacional Especializado). Esta segunda matrícula pode ocorrer nas escolas especializadas ou diretamente nas próprias escolas regulares, desde que possuam salas de recursos multifuncionais, os pais e alunos possuem liberdade de escolha, embora a Resolução n.º 4/2009 do CNE/CEB estabeleça a prioridade da segunda matrícula nas salas de recursos multifuncionais.

É importante destacar também a relação do alunado com os desfiles em si, enquanto um evento cívico. Ao questioná-los sobre o significado daquele evento, 07 estudantes não esboçaram nenhuma resposta; pela expressão facial claramente demonstraram não saberem o sentido dos desfiles escolares. Apenas Karla respondeu em Libras “Eu sei que é uma comemoração do Brasil, tem o hino nacional, a professora Ana Cristina faz o hino nacional em Libras, é muito bonito”. Esse depoimento oportunizou uma importante conexão de experiências que relacionam o passado e o presente, entre surdas de diferentes contextos geracionais, pois a professora Ana Cristina, citada por Karla, é a mesma que, em depoimento anteriormente registrado neste trabalho, afirmou que ganhou um disco com o hino nacional, que sua família o colocava no toca disco, ela ficava com fones de ouvido e acompanhava a letra em um encarte, e atualmente, costumeiramente, faz a interpretação em Libras do hino nacional em diferentes eventos públicos.

Chama a atenção a não relação imediata dos desfiles com a independência, mas sim com o hino nacional. É possível que a representação visual da interpretação em Libras do hino seja um elemento central para apreensão dos surdos, tanto que Karla e Andréia passaram a conversar em Libras e manusear seus celulares e em alguns instantes nos apresentaram vídeos do YouTube com cenas do hino nacional sendo interpretado em Libras em eventos cívicos de 07 de setembro.¹⁹

Considerações finais

O debate sobre a Independência, com ênfase nos desfiles escolares, demonstra o quanto as opções realizadas dentro dos espaços escolares se configuram de forma política, dialogando com cada temporalidade. Se durante a ditadura civil-militar a temática era extremamente relevante, configurando grandes eventos públicos em que as unidades escolares participavam de maneira ativa, atualmente os estudantes têm poucas referências sobre os desfiles escolares e seus significados, sobretudo os (as) discentes com surdez, que necessitam de informações visuais para entrarem em contato com as diversas temáticas que circulam na sociedade. Se os (as) estudantes surdos (as) não vivenciaram os desfiles em suas trajetórias escolares, não viram na televisão, na internet, no cinema e nada foi ensinado a eles em Libras, torna-se o grande desafio trabalhar o tema, ou qualquer outro conteúdo curricular, a partir da inexistência, ou baixo repertório dos (as) discentes.

Neste processo, algumas nuances acabam por interferir: as escolas públicas possuem maior tradição em participar dos eventos alusivos à Independência, assim como estudantes com surdez leve, que oralizam e utilizam sinais, por vezes possuem maior acesso às informações. Estes dois fatores, por exemplo, podem potencializar as possibilidades do alunado com surdez obter conhecimentos sobre os desfiles. Evidentemente que pessoas com surdez profunda e não oralizados podem ter amplos conhecimentos sobre qualquer assunto, desde que lhes sejam resguardadas as condições de acessibilidade.

É relevante destacar o exercício de reflexão sobre a relação passado/presente. Na década de 1970 o modelo oralista privilegiava a integração da pessoa surda à sociedade ouvinte, buscando “normalizá-la”, tentando adequar o sujeito surdo a uma realidade socio-cultural/linguística da maioria que possui audição. Para tanto é possível observar o uso da aprendizagem do hino nacional e da utilização de instrumentos musicais na aprendizagem dos (as) surdos (as), elementos que remetem ao universo sonoro. Já o alunado contemporâneo dialoga com o seu tempo, em que a Língua de Sinais é privilegiada, sendo associada à chamada pedagogia visual, em que a utilização de imagens é amplamente utilizada na

¹⁹ Os vídeos estão disponíveis em: www.youtube.com/watch?v=MqxDho5Ot-c; www.youtube.com/watch?v=_zAGpaehxHc. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

construção de saberes para pessoas surdas, como por exemplo, um vídeo no YouTube pode associar Libras e imagens, assim como a um sinal/termo representado em um dicionário de sinais.

Para os (as) estudantes atuais, esta atividade representou não apenas a possibilidade de aumentar seus conhecimentos sobre a Independência e os desfiles escolares, mas foi também um exercício de se conectar com outras gerações de surdos (as), que através das fotos e depoimentos demonstraram outras experiências escolares, que apesar de serem diversas das atuais, não se apresentam desconectadas delas, uma vez que há uma trajetória de inúmeras transformações que conectam o presente ao passado e o passado ao presente.

REFERÊNCIAS

BENCOSTA, M. L. A. Desfiles Patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. Anais.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BRITO, ADILSON JUNIOR ISHIHARA. **Identidade fraturada: O desmemoramento da 'Adesão do Pará' no ensino de história**. História & Ensino, v. 27, p. 93, 2021.

CAPOVILLA, Fernando César; RAFHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, volume I: Sinais de A à L. [ilustrações Silvana Marques] - 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CAPOVILLA, Fernando César; RAFHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, volume II: Sinais de E à O. 1ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

CRUZ, E. C. V. B. da. Temporalidades, Anacronismo e o Ensino de História. 179 f. Dissertação [Mestrado em ensino de História - PROFHISTÓRIA], UFPA, Ananindeua-PA, 2019.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

PARADA, M. Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, 7. 1998, Vassouras. Anais.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, nº 3, v. 2, 1989, p. 3-15.

SMALDONE, Felipe. Jotaba - PIME (Gráfica Salesiana), Belém: ano (?).

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do Surdo no Brasil**. Campinas: EDUSE, 1999.

VAZ, A. C. Práticas Escolares nas festividades da 'Semana da Pátria' e 'Dia do Trabalho' em Minas Gerais (1937- 1945) In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. Anais.

VYGOTSKY, L. S. **A função social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª Edição brasileira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA., 1991.

Documentos:

Projeto Político Pedagógico (PPP) - Instituto Felipe Smaldone, 2018.

Projeto Político Pedagógico (PPP) - UEES Astério de Campos, 2018.

Site:

<https://br.pinterest.com/pin/749990144165637286>. Acesso em 09 de janeiro de 2023.

Vídeos:

INDEPENDÊNCIA - Apresentação em Libras no 7 de setembro. 2019. 1 vídeo (23 segundos). Publicado pelo canal Julimar Silva. www.youtube.com/watch?v=MqxDho5Ot-c. Acesso em 27 de setembro de 2022.

Pela primeira vez em Patos, Desfile 7 setembro tem libras. 2019. 1 vídeo (1 min e 05 seg). Publicado pelo canal Patos online. www.youtube.com/watch?v=_zAGpaehxHc. Acesso em 27 de setembro de 2022.